

Luiza Huber Mônica Nunes*

Enfrentamento de Violência nas relações de gênero:

a contribuição da massagem terapêutica – uma experiência no meio popular

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo relatar o efeito da introdução de uma prática terapêutica alternativa, a reflexoterapia (massagem terapêutica dos pés), em um grupo de mulheres do meio popular de uma comunidade periférica da cidade de Salvador, Bahia. São analisados os efeitos produzidos pelo uso dessa prática terapêutica na vida das mulheres, especificamente em relação às experiências de violência doméstica. A ampliação do conhecimento sobre o corpo fortalece a auto-estima, desperta para a necessidade de romper com valores tradicionais de submissão e favorece atitudes e reações mais afirmativas nas relações afetivas e sociais das mulheres que praticam e se beneficiam com as massagens. Resulta em um processo de empoderamento que conduz à busca dos direitos de cidadania nos espaços públicos e políticos.

Palavras-chave:
Violência doméstica,
sofrimento, terapias
alternativas, auto-
estima,
empoderamento.

I ntrodução

Nosso interesse pelo corpo como objeto de estudo, mais especificamente o corpo de mulheres do meio popular, nasceu das experiências de realização de trabalhos corporais com mulheres no Brasil e no exterior, o que permitiu estabelecer algumas comparações e realizar observações, que nos parecem ser relevantes para desenvolver algumas hipóteses a serem aprofundadas neste estudo.

Foi com o objetivo de identificar, descrever e interpretar esses fenômenos e processos que resolvemos realizar um estudo qualitativo no bairro do Calafate, centrado em uma Organização de Mulheres, chamado “Coletivo de Mulheres do Calafate”, envolvendo sobretudo mulheres pertencentes a esta organização

e outras que a freqüentavam a fim de obter cuidados oferecidos pelas práticas alternativas que se desenvolviam nesse espaço. A escolha desse local de pesquisa deveu-se ao fato de nos termos sido monitoras de algumas das práticas terapêuticas alternativas realizadas nessa associação. Um outro fato importante é o fato desse grupo ter, em seguida, tornado-se autônomo no desenvolvimento das mesmas (o que persiste até o momento presente), tendo ganhado uma importância cada vez maior no bairro, expressa na ampliação no número de clientes e de massoterapeutas.

Notas Teóricas e Metodológicas

Partimos do pressuposto de que esse conjunto de experiências nos permite inferir que o corpo é um lugar privilegiado de apreensão e de vivência da realidade e que o cuidado do corpo (o seu próprio e o do outro) funciona como fonte primária para a identificação de metáforas, de processos experienciais e interpretativos que funcionam como meio essencial de compreensão de como as pessoas, nesse caso as mulheres do meio popular, percebem e atuam sobre a realidade social e de que modo desenvolvem estratégias de enfrentamento de situações de doença e de sofrimento social. Este trabalho teve como objetivo compreender de que forma a Reflexologia está contribuindo para a atenção e o cuidado com o corpo e para a interpretação de situações concretas de sofrimento entre as mulheres da comunidade do Calafate, bairro periférico de Salvador.

Este estudo se situa dentro do campo de investigação da Antropologia da Saúde, disciplina que se preocupa com a maneira como as pessoas, em diferentes culturas, ou em diferentes grupos sociais, entendem as questões relacionadas com saúde e doença e buscam compreender seus determinantes e significados, além dos recursos disponíveis nos vários grupos sociais para lidar com essas questões, objetivados nas suas formas de cuidar e de tratar seus problemas de saúde (Kleinman, 1978; 1980; Young, 1983; Massé, 1995). No campo da Antropologia da Saúde, é a Antropologia do Corpo (Mauss, 1950; Merleau-Ponty, 1999; Csordas, 1994) aquela que mais se aplica ao nosso objeto de investigação, tal qual ficou evidenciado no item anterior, por estudar as práticas e crenças relativas ao corpo e seus usos, seja no estado de saúde ou de doença. No campo das terapias alternativas visitamos os seguintes autores: Andrade (1999), Laplantine e Rayberon (1989), Russo (1993), Luz (1997) e Freire (1995).

Para a coleta dos dados, adotamos o já aprovado esquema de triangulação em pesquisa qualitativa, que consiste em colher as informações de três maneiras complementares: através da observação participante, através

da consulta de documentos existentes e a partir dos depoimentos obtidos nas entrevistas. VÍctora (2000) chama atenção para a importância de trabalhar esses três níveis a fim de chegar a uma visão o menos parcial possível da realidade, já que nem tudo é dito, às vezes o documentado não corresponde aos fatos, e nem tudo o que é feito é documentado.

Para as entrevistas individuais em profundidade, foram selecionadas onze mulheres, a partir de três categorias: a primeira, formada por reflexologistas que exercitam essa prática terapêutica na comunidade; na segunda categoria se encontravam clientes antigas, ou seja mulheres que se beneficiam com a massagem no Coletivo há mais de um ano, e, na terceira, clientes novas que começaram a ter contato com a massagem durante o trabalho de campo. Com cada informante foram efetuados dois a três encontros de aproximadamente duas horas, dividindo esse tempo em dois momentos. No primeiro momento da entrevista, a pessoa a ser entrevistada recebia uma massagem de reflexologia e, imediatamente depois, ela era entrevistada. Buscava-se, com essa estratégia, captar, nas entrevistas, sensações corporais e emoções despertadas pela interação e pelo toque proporcionados pela massagem. A diversidade entre os grupos tinha uma finalidade comparativa partindo-se da suposição de que havia um nível diferente de conhecimento sobre, de aderência e de introjeção das práticas terapêuticas e de suas respectivas filosofias ou ideologias e, conseqüentemente diferentes graus de atuação, interferência e transformação sofrida a partir da vivência dessas experiências corporais e interativas já que essas práticas corporais envolviam sempre um contato, no mínimo, entre duas pessoas, mas, em grande parte, estendiam-se a interações grupais, bem como a outras vivências e participação em atividades de natureza pedagógica, política, lúdica ou artística-cultural.

A massagem e os efeitos atribuídos

1.O fortalecimento da auto-estima e o empoderamento das mulheres

Nas entrevistadas a auto-estima é referendada com frequência e é diferenciada em auto-estima alta e baixa. O fortalecimento da auto-estima é considerado um dos maiores méritos da aprendizagem e da prática das terapias corporais. Segundo as entrevistadas, a auto-estima baixa expressa-se através de sensações e expressões corporais. São relatados freqüentemente dores e tensão no corpo, depressão e rejeição do corpo, pelo fato dele não corresponder às exigências impostas pela sociedade, ou seja não ser um corpo esbelto e magro.

Sentimentos de inferioridade e de vergonha por causa da cor da pele negra são também considerados sinais de uma auto-estima diminuída. Uma pessoa com a auto-estima baixa é descrita como uma pessoa que fica com “o pescoço enterrado” e com os “ombros caídos”. Essas descrições se aproximam do que Branden (1995:70-71) define como a fisionomia que revela a auto-estima, expressando-se no rosto, nos modos, na maneira de falar e de se mover. Como manifestações e/ou agravantes para afetar negativamente a auto-estima, são mencionadas situações que afetam a vida privada tais como: a solidão, a não valorização por terceiros, brigas com o companheiro, etc.

Ter uma auto-estima elevada significa, para as entrevistadas, estar bem consigo mesma e saber tomar decisões, conseguindo construir a história de sua vida sem sofrer interferências de terceiros. Dito com outras palavras, significa ter autonomia na sua vida, o que passa novamente pelo conhecimento do corpo, como veremos no próximo depoimento:

“Auto-estima pra mim é autonomia, certo, eu ter autonomia é... ser dona de mim, ser dona das minhas ações, não jogar meus erros, meus acertos pra terceiros, né, é eu ser aquela... construtora mesmo da minha história, né, eu tô construindo a minha história, sem eu responsabilizar ninguém, quer dizer, pra mim tá com uma auto-estima legal é isso, entendeu, e essa... e o bem-estar, (...) quer dizer, você com a auto-estima fortalecida é... quer dizer, uma auto-estima legal, né, você toma certas decisões na sua vida, fortes até, certo, sem... até mudança de comportamento você... quer dizer, parece que clareia mais as coisas na mente, você passa a se amar, entendeu, você não vai querer coisa ruim pra você, porque, se sua auto-estima tá lá embaixo, você deixa as pessoas bagunçar com sua vida, né, você deixa outras pessoas interferir muito na sua vida, né, parece que tá... como é que se chama... corpo aberto pras coisas ruim entrar e bagunçar, entendeu, as forças negativas vim, e, quando tá com a auto-estima legal, parece que tá com o corpo fechado, compreende, então nada te atinge (...).” Rita, reflexologista e massagem integrativa

A violência de gênero, dessa vez na sua vertente psicológica, aparece sob a forma de crítica à aparência e à capacidade intelectual das mulheres, o que as faz se sentirem incapazes de conduzir sua vida e até educar seus filhos, exemplificando assim o que Bourdieu chama de “incorporação das estruturas

da dominação masculina pelas mulheres”, onde é impensável uma ação ou reação. A próxima narrativa ilustra como essa impossibilidade causa uma situação de estresse prolongado e repercute no corpo através de um sistema de defesa enfraquecido e de uma saúde fragilizada.

“(...) uma das personagens que deixa sua auto-estima muito lá embaixo é a presença às vezes do homem, né, quer dizer, que deveria ser o contrário, né, mas você percebe assim até o poder dele de uma palavra te magoar, magoar, né, uma mulher e ela assim se entregar à depressão por causa até de dizer assim: “pô, você não tá bonita hoje, você tá feia”, ... “você tá engordando, você tá ficando feia, você é burra, você...”. Sabe que eu tava me achando incapaz de fazer qualquer coisa, até incapaz de criar a minha filha; eu tava, né, eu andava muito doente, então você fica assim tão deprimida que o seu sistema imunológico também enfraquece, né, e com a auto-estima fortalecida, até o sistema imunológico fica forte, né, porque você vai, né, trazendo coisas positivas pro seu corpo, então você vai mentalizando coisas positivas”... Rita, reflexologista e massagem integrativa

Considerando que a auto-estima é o valor que a pessoa atribui a si própria, fica esclarecido que experiências de sucesso como estas incentivam a capacidade pessoal através do próprio corpo atuando sobre um outro corpo que está em sofrimento, não mais através da dominação, mas através do cuidado com o outro, o que repercute no cuidado com seu próprio ser. Essa idéia se aproxima do que Léon (1997) chama de “poder para”, que serve para conseguir mudanças por meio de uma pessoa ou de um grupo que estimula a atividade em outros e incrementa seu ânimo. É um poder criativo que abre possibilidades e ações sem dominação e amplia o raio de alternativas e potencialidades humanas. Avançamos aqui a idéia de que esse fortalecimento da auto-estima vai influenciar positivamente no auto-cuidado, porque, como vimos anteriormente, para que o sujeito desperte para o cuidado consigo mesmo, ele tem que reconhecer o seu próprio valor. A elevação da auto-estima recebe também estímulos do meio social, onde estão inseridas as mulheres, quando esse reconhece o valor da prática terapêutica a partir da sua eficácia. Assim, essa prática social é reconhecida pelo seu grupo social restrito, que são as mulheres clientes da massagem, para, em seguida, ter seu reconhecimento ampliado pelo contexto social da comunidade.

2. Maridos e companheiros: enfrentando diferentemente situações de violência nas relações de gênero

O conceito de gênero e a discussão sobre relações de gênero foram introduzidos no Brasil nos anos oitenta por estudiosas feministas, quando foram criados Núcleos de Estudos sobre a Mulher em várias universidades. Esse tema e a implicação dessa construção social das relações de gênero na vida das mulheres é um dos mais caros ao Coletivo das Mulheres sendo parte integrante da discussão dos grupos e atividades, e tem como norteador comum o questionamento da divisão tradicional dos papéis sociais entre homens e mulheres e a desconstrução e a reconstrução dessas relações já socialmente construídas.

Para Joan Scott (1990), estudiosa das relações de gênero e uma das referências mais importantes para a pesquisa e debate nessa área no Brasil, essa desconstrução consiste em desmontar a lógica dos sistemas tradicionais de pensamento, que freqüentemente se baseiam numa dicotomia entre dois pólos opostos: masculino X feminino; público X privado; cultura X natureza. Ademais, o processo da reconstrução implica em criar uma consciência da discriminação a que as mulheres são submetidas e requer que elas modifiquem sua própria imagem e as crenças sobre seus direitos e capacidades. Demanda ainda que desafiem o sentimento de inferioridade através da elevação da auto-estima o que resulta em um processo de empoderamento, como foi discutido no último item.

Essa perspectiva aparece freqüentemente nas falas e discussões presentes no CMC, como pode-se ler a seguir:

“O tema gênero assusta, porque você vai desconstruir papéis e é difícil desconstruir papéis. A gente pode falar de desconstrução, mas a mulher pode chegar em casa e encontrar outra realidade. Tem um companheiro, que é o oposto daquelas construções que ela gostaria de fazer. É complicado, deve ser trabalhado. É uma desconstrução que deve acontecer, mas ela tem que perceber a melhor forma de desconstruir e reconstruir. E a desconstrução assusta muito, porque ela vai mexer com os valores, vai mexer com os padrões que são impostos há séculos.” Aishá, reflexologista e massagista Shantala

A desconstrução e a reconstrução dos papéis sociais são apresentadas nesse depoimento como uma experiência individual, e, ao mesmo tempo, coletiva,

porque a consciência e o conhecimento dessa transformação são construídos a partir de uma experiência coletiva, inscrita na vida cotidiana das mulheres.

Louro (1996) se refere a Pierre Bourdieu, que fala em sua obra “A Dominação Masculina” de uma ”somatização das relações de dominação”, onde ele demonstra como certos gestos, posturas e disposições são inscritos nos corpos das mulheres. Aqui gostaríamos mostrar como as terapias corporais podem trazer à tona essa somatização e, uma vez as mulheres dando-se conta dessas somatizações nos seus corpos e das causas que conduziram a isso, podem começar a reagir e engendrar mudanças nos seus relacionamentos com os companheiros. Através do contato da prática terapêutica, no caso a reflexologia, ela vai compreender que o mal estar no seu corpo, que se apresenta através de dores na mão e palpitações no coração, quando ela se aproxima respectivamente do pai e do marido, são manifestações corporais para protestar contra a submissão e a violência vivida durante gerações. O corpo grita por mudanças e por libertação. Ao mesmo tempo, rompendo esse ciclo geracional de maltrato, contando com a ajuda de outras mulheres, ela abre caminhos novos para futuras gerações.

Nesse rompimento, o ritual da massagem cumpre a função de evento (Bibeau, 1991:271), tendo o corpo como elemento central desse evento, permitindo assim de articular o corpo ao social. Assim, o evento assume a função de continuação de uma história coletiva e individual, mas afirma possibilidades de sua libertação e de transformação.

“Através da reflexologia, que eu agradeço muito, e através do Coletivo, que eu cresci muito, estou crescendo, não para pior, para melhor. Um dia, eu tenho certeza que minha filha vai poder passar essa experiência para outras pessoas. Ela vai estar aqui, como eu estou, sentada hoje para passar para outras pessoas, e assim vai ramificando, como se fosse aquela planta que a gente coloca dentro no duque da lâmpada e vai ramificando, tomando todo espaço. Se você der espaço, vai expandir, vai embora. Então, são essas coisas que eu aprendi aqui”. Bel, reflexologista

Essa informante rompeu o ciclo, encarando a separação. Outras mulheres relatam mudanças no sentido de adotar novas estratégias, que são expressas sob a forma de enfrentar uma situação com mais calma, não se importar tanto com as agressões verbais “deixar entrar por um ouvido e sair pelo outro”, o que resulta em responder menos às provocações. Relatam ainda que enfrentam

melhor o estresse, usando a estratégia da respiração e do relaxamento, para não responder à violência com violência e “desarmar” o companheiro.

“Não dá nem pra descrever, só quem sente na pele, quem vive. Eu, hoje em dia, eu já tiro mais de letra. Eu aprendi aqui, como outras coisas, que violência gera violência. O inimigo tá procurando que eu me abaixe, pensa que aquilo vai fazer mal a mim, vai me deixar pra baixo, tem momentos que não agüenta, nenhum ser humano agüenta, nenhum ser humano. (...) Minha realidade é essa, tenho que viver nela. Agora, hoje em dia, eu preciso viver melhor, eu respiro, eu faço exercícios pra distender os músculos e eu vou levando adiante... Antes, eu tinha uma fase que eu sempre explodia, né; agora, hoje em dia, eu vejo que as coisas às vezes não valem à pena, né, de explodir. Aí, tudo é uma questão de consciência, né, da gente saber que a gente deve se concentrar, deve relaxar. Antigamente, eu não iria, no caso, para a laje para me concentrar, para eu ficar ali respirando, conversando comigo mesma”. Gal, reflexologista

Aqui se coloca uma questão: será que, por meio dessas estratégias, aparentemente conciliadoras, as mulheres conseguem impor uma nova cultura de relacionamento através de suas “táticas de não provocação”, ou criam uma nova e diferente submissão às vontades e ações violentas dos homens, apenas minimizadas pelas mulheres por um melhor suportar? Arriscamo-nos a afirmar que as mulheres estejam criando um novo *habitus* (Bourdieu, 1980) e uma maneira diferente de estar no mundo, através de uma convivência que responde melhor às suas necessidades. Um melhor conhecimento corporal favorece uma utilização mais adequada dos seus recursos em suas vidas e em seus relacionamentos e assim conseguem um maior controle social. Dessa forma, as reações podem incluir rompimento com velhos padrões e valores embutidos nos corpos e nas vidas e interrupção de modelos transmitidos de mãe para filha durante gerações, ao mesmo tempo em que novos valores são construídos.

A partir do espaço ampliado da manipulação do corpo, novas práticas e uma nova linguagem estão sendo construídas, onde o corpo, por ser melhor conhecido, assume um papel transformador, sendo o lugar de experiências inovadoras que possibilitam viver e expressar emoções, sentimentos, frustrações e esperanças de maneira diferente, e o sofrimento, inscrito no “corpo memorial” (Pandolfi, 1993), cede lugar a um corpo emocional ao qual é permitido sentir prazer e bem estar.

Considerações Finais

Através de uma prática corporal sensível e cuidadosa, baseada no toque nos pés, mas envolvendo o corpo e a pessoa na sua totalidade de indivíduo e de ser social, não mais de uma maneira cartesiana, mas integrando corpo, mente e espírito, o sofrimento, seja ele físico, emocional, ou social vai poder ser reconhecido, nomeado e redimensionado. Descobertas de habilidades e capacidades que o próprio corpo oferece, como o relaxamento, a respiração e a concentração, vão ser incorporados na vida cotidiana e reconstruem pensamentos, consciências e atitudes, proporcionando reações e resistências, outrora inimagináveis e improváveis. Desse modo, as mulheres envolvidas despertam para a necessidade e o desejo de uma nova maneira de ser, uma outra forma de lidar com o sofrimento físico, emocional e social, infligido por estruturas sociais, econômicas e políticas desiguais e excludentes.

Observa-se, que as mudanças infligidas pelas práticas corporais trazem mudanças significativas para a vida das mulheres e do seu meio social, das quais ressaltamos uma relação mais prazerosa com o próprio corpo e a valorização do auto-cuidado.

Munidas de novos saberes e conhecimentos, as mulheres fortalecem a sua auto-estima, tornando-se sujeitos de sua história e de sua vida, mais autônomas nos seus relacionamentos, frente às opiniões e julgamentos de terceiros, rompendo com valores tradicionais de submissão e permanência e criando valores e referências novas, que lhes proporcionam atitudes e reações mais afirmativas e autênticas, utilizando suas capacidades e potencialidades de seres humanos e enredando por caminhos novos nas suas relações pessoais/ afetivas e nas suas relações sociais. Resulta em um processo de empoderamento, que conduz à busca dos direitos de cidadania nos espaços públicos e políticos.

No bairro, entre aqueles que constituem as redes de relações dessas mulheres, uma nova linguagem se faz presente, exprimindo-se na fala dos adultos e das crianças. Trata-se, mais especialmente, da linguagem corporal. Existem e estão sendo procurados e oferecidos os recursos das massagens corporais e do alongamento, desdobrando-se na adoção de uma alimentação mais saudável, em exercícios físicos regulares, na procura de espaços e outras atividades que proporcionam lazer e bem-estar. Entre essas atividades, destacamos o evento denominado “celebração da vida”, que acontece todas as segundas-feiras na atividade do alongamento, no qual as participantes experimentam que o corpo pode ser fonte de prazer, revertendo valores e crenças criados socialmente de um corpo limitado a ser ferramenta de trabalho e objeto de satisfação masculina.

Ou ainda a prática da massagem Shantala, onde mães estão sendo estimuladas a fortalecer os vínculos afetivos com seus filhos, base para um relacionamento de confiança, capaz de criar referências positivas nas quais o futuro adolescente poderá se apoiar. Esses são elementos essenciais para uma convivência pautada no respeito e na confiança para a construção de relações sociais de igualdade entre mulheres e homens, tanto no espaço doméstico como social.

Assim, a prática da reflexologia e seus desdobramentos, dentro de um espaço coletivo, geram esperanças, expectativas, projetos e sonhos. Alguns vão se tornando realidade, outros continuam a serem sonhados juntos... Um desses sonhos é justamente aquele de verem expandidas as práticas alternativas nos serviços públicos de saúde do SUS. Assim, deixarão de ser “alternativas” e se tornarão “complementares” e poderão cumprir um papel fundamental na humanização do atendimento e na qualificação do sofrimento das mulheres, vítimas de violência, nos serviços públicos.

Key-words:

Domestic violence,
alterative therapies,
self-esteem,
empowerment.

ABSTRACT: The goal of this paper is to discuss the effects of introducing an alternative therapeutic practice, reflexology (therapeutic foot massage), to a group of women from a poor community in the city of Salvador, Bahia. The paper discusses the effects of the use of this therapeutic practice in women's lives, specifically, as these effects relate to experiences of domestic violence. Giving and receiving massage helps to increase women's body awareness, thus strengthening their self-esteem, promoting a perception of the need to break with traditional values of submission and encouraging them to develop pro-active attitudes in their social and affective relationships. It has an empowering effect, with implications for seeking their rights as active citizens in public spaces and policies.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. T. Terapias complementares em saúde pública: alguns aspectos do debate antropológico. *Humanidades e Ciências Sociais*, v. 1, n. 2, 1999

AQUINO, S. *Histórias do poder sobre o corpo*. A contribuição de Foucault. 1998, mimeo

BERNUZZI, D. Corpo e história. In: Seminário sobre Contemporaneidade, Feira de Santana: O corpo ainda é pouco. NUC/UEFS, 2000

BIBEAU, G. Mariella Pandolfi: Itinerari delle emozioni. Corpo e identità femminile nel Sannio campano, Milano, Francoangelli. *Folie/Espace de Sens, Antropologie et Société*, v. 17, n.1-2, 1991

BRANDEN, N. Auto-estima e seus seis pilares. São Paulo, Saraiva, 1995

BOURDIEU, P. Structures, habitus, pratiques. In: P. Bourdieu. *Le sens pratique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980, p. 87-109.

BOURDIEU, P. Novas reflexões sur la domination masculine: In: LOPES, M., MEYER, D.; WALDOW, R.(orgs.) *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996

CSORDAS, T. Somatic Modes of Attention. *Cultural Anthropology* n. 8, p. 153-56, 1993

DINIZ, N. Saúde da Mulher: Violência Intrafamiliar e suas repercussões no auto-cuidado. *Revista Texto e Contexto Enfermagem*, Florianópolis: v. 8, n. 2, p. 436-439, maio/ag. 1999

DINIZ, S. A Violência de Gênero como questão de saúde. *Jornal da redesaúde*, n. 14, dez. 1997

FREIRE, M. Conhece-te a ti mesmo, uma perspectiva de educação popular para a saúde. *Saúde em Debate*, 1993, n. 41

HUBER, Luiza: “Do poder sobre o corpo ao corpo de poder”- um estudo sobre a prática da Reflexoterapia entre mulheres no meio popular. Dissertação de mestrado, Instituto de Saúde Coletiva/UFBA, 2002

IRIART, J. Les courants théoriques en anthropologie du corps: une reflexion critique en vue de la proposition d’un modèle synthétique. Travail présenté comme reponse á la première question de l’examen de synthèse. Montreal: 1995, mimeo

KLEINMAN, A. Concepts and a Model for the Comparison of Medical Systems as Cultural Systems. In: Concepts of health, illness and disease. A comparative perspective v. e. Leonaington, 1978.

KUNZ, K. Reflexologia, como restabelecer o equilíbrio energético. São Paulo: Pensamento, 1984

LAPLANTINE, F., Rayberon, PL: *Medicinas Paralelas*. São Paulo: Brasiliense, 1989

LEÓN, M. Empoderamiento: relaciones de las mujeres con el poder. *Antología Latinoamericana y del Caribe: Mujer y Género*. Período 80-90. Vol. I, UCA, Managua, 1999

LUZ, M. Cultura Contemporânea e Medicinas Alternativas: Novos Paradigmas em Saúde no Fim do Século XX. *PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 7 (1), 1997

_____. Comparações de representações de corpo, saúde doença e tratamento. Serie *Estudos em Saúde Coletiva*. n. 150, Rio de Janeiro: UERJ, IMS 1997

MAUSS, M. As técnicas corporais. In: *Sociologia e Antropologia*, Volume II, EDUSP, 1974

MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da Percepção*, São Paulo: Martin Fontes, 1945

ROMERO, E. (org.): *Corpo, mulher e sociedade*. São Paulo: Papirus, 1995

RUSSO, J. O movimento das terapias corporais. In: *O corpo contra a palavra: as terapias corporais no campo psicológico dos anos 80*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993

SCHRAIBER, L., D'OLIVEIRA, AF. Violência contra mulheres: interfaces com a saúde. *Interface, Comunicação, Saúde, Educação*. v.3 n.5, p.11-28, 1999

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: *Educação e realidade*, jul/dez., Porto Alegre, 1990

VALLA, V. Redes sociais, poder e saúde à luz das classes populares numa conjuntura de crise. *Interface*.1999

VÍCTORA, C., KNAUTH, D.; HASSEN, M. *Pesquisa Qualitativa em Saúde*. Porto Alegre: Tomo Editorial Ltda., 2000